

O poder do “não” e a contradição do “sim”: as ambivalências afetivas, monetárias e de gratidão nas relações de trabalho das diaristas

El poder del “no” y la contradicción del “si”: las ambivalencias afectivas, monetarias y de gratitud en las relaciones de trabajo de las empleadas de servicio por horas.

The power of “no” and contradiction of “yes”: the affective ambivalence, monetary and gratitude in labor relations of day housekeepers.

Thays Almeida Monticelli¹
Marlene Tamanini²
UFPR

Resumo: O artigo que apresentamos é uma parte da pesquisa realizada em Curitiba-PR no ano de 2011 e 2012. Esta pesquisa visou compreender como são estabelecidas as formas de afetividades nas relações de trabalho que envolvem as diaristas e seus empregadores, considerando-se para tal, as experiências, emoções e sentimentos vividos por estas mulheres. O nosso objetivo neste texto é expor as lógicas pelas quais as afetividades são construídas e analisar como interferem nestas relações de trabalho e nos processos de direitos. Através de teorias sociológicas que visam interpretar as emoções, sentimentos e subjetivações, analisamos como estas trabalhadoras realizam escolhas e seleções afetivas pautadas nas diversas experiências vividas, considerando as relações de poder imbricadas nestes espaços e nestes contextos. Por meio das análises dos conteúdos e das narrativas, percebemos que o trabalho realizado em diárias é um processo, bem sucedido do agenciamento de sujeitos mulheres, no sentido de ser agente da ação, conquistado por estas trabalhadoras. Ele se concretiza para além de um quadro de autonomia trabalhista, intercâmbios e negociações, pois envolve afetos, relações monetárias, jurídicas e de gratidão. Dessa forma, esta análise traz novas considerações acerca do trabalho doméstico remunerado, e revela conteúdos que são desafios à implementação dos direitos no Brasil.

Palavras-chave: Diaristas; Trabalho Doméstico Remunerado; Afeto.

Resumen: Este artículo que presentamos es parte de la investigación realizada en Curitiba-PR en el año de 2011 e 2012. Esta investigación buscó comprender como son establecidas las formas de afectividades en las relaciones de trabajo que involucran las empleadas de servicio por horas y sus empleadores, considerando para tal, las experiencias, emociones y sentimientos vividos por estas mujeres. Nuestro objetivo es exponer las lógicas por las cuales las afectividades son construidas y analizar como interfieren en estas relaciones de trabajo y en los procesos de derechos. A través de teorías sociológicas que buscan interpretar las emociones, sentimientos y subjetivaciones, analizamos como estas trabajadoras realizan elecciones y selecciones afectivas basadas en las diversas experiencias vividas, considerando las relaciones de poder imbricadas en estos espacios y en estos contextos. Por medio de los análisis de los contenidos y de las narrativas, percibimos que el trabajo realizado por días es un proceso, bien logrado del agenciamiento de sujetos mujeres, en el sentido de ser agente de la acción, conquistado por estas trabajadoras. Él se concretiza para más allá de un cuadro de autonomía laboral,

¹ Doutoranda em Sociologia na Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. E-mail: tamonticelli@gmail.com

² Prof^ª Dr^ª no curso de Ciências Sociais e da Pós-Graduação em Sociologia, Membro do Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR, Curitiba, Brasil. E-mail: marlene@ufpr.br

intercambios y negociaciones, pues involucra afectos, relaciones monetarias, jurídicas y de gratitud. De esa forma, este análisis trae nuevas consideraciones sobre el trabajo doméstico remunerado, y revela contenidos que son desafíos a la implementación de los derechos en Brasil.

Palabras-Clave: empleadas de servicio; Trabajo Doméstico Remunerado; Afecto.

Abstract: The present article is an interface of research conducted in Curitiba-PR in 2011 and 2012, which aimed to understand how the forms of affectivity are established in labor relations involving the day housekeepers and their employers, considering the experiences, emotions and feelings experienced by these women. Our goal in this paper is to expose the logic by which the affections are constructed and how these affect working relationships and processes of rights. Through sociological theories that seek to interpret the emotions, feelings and subjectivation, we analyze how these workers make choices and selections guided by various affective experiences, considering the relations of power in these overlapping spaces and contexts. Through the analysis of contents and narratives, we realize that the work done in a day is a successful process, earned by these workers. It materializes beyond a framework of autonomy labor, exchanges and negotiations, because it involves emotions, monetary and legal relations, and gratitude. Thus, this analysis brings new considerations about the paid domestic work, and reveals contents that are challenges to the implementation of the legal rights in Brazil.

Keywords: Day housekeeper; Paid Domestic Work; Affect.

Introdução

O trabalho doméstico remunerado³ tem sido um dos principais temas discutidos pela sociedade brasileira nos últimos três anos. Algumas mudanças na configuração desta profissão trouxeram questionamentos e novos olhares para a forma como as contratações de trabalhadoras domésticas remuneradas estavam sendo concretizadas pelas famílias de classe média brasileira. Essas discussões se intensificaram ainda mais, devido à ampliação de direitos trabalhistas que esta categoria profissional ganhou com a aprovação de uma Emenda Constitucional (72/2013) levada ao Congresso Nacional do Brasil durante este ano.

O trabalho doméstico remunerado no Brasil, embora qualificado a partir da remuneração, foi estabelecido, durante muitos anos, por características relacionadas à servidão e a exploração. Essas mulheres eram contratadas sem nenhuma garantia de direitos, com baixos salários, jornadas de trabalho extensas e dependências com a família empregadora, já que uma grande parcela destas trabalhadoras residia na casa em que trabalhavam. O exercício profissional destas mulheres se refere a cuidar de todas as tarefas domésticas, como lavar, passar, cozinhar, limpar, cuidar dos filhos e da casa de outras pessoas. Compreendendo então o lugar e o exercício das tarefas a serem executadas, muitos pesquisadores do tema chamavam atenção para os laços afetivos que

³ O termo “trabalho doméstico remunerado” é usado de acordo com a noção teórica da divisão sexual do trabalho, que coloca toda tarefa feita dentro dos lares como um trabalho, desnaturalizando desta maneira, estereótipos ligados aos valores impregnados nestas tarefas, portanto, o “trabalho doméstico” é designado como todo tipo de serviço realizado nas residências, assim denomina-se, neste artigo, “trabalho doméstico remunerado” aquela função executada por uma pessoa fora da rede parental, que está sob um contrato trabalhista (ÁVILA, 2009). Esse termo também foi escolhido por concordar com as reivindicações sindicais da categoria relativas ao emprego linguístico nesse segmento profissional, colocando-se como trabalhadoras e não como empregadas domésticas.

eram construídos entre as trabalhadoras domésticas remuneradas e a família que a contratava.

Atualmente, percebemos que a contratação de diaristas está cada vez mais presente nos lares brasileiros, principalmente nos grandes centros urbanos. As diaristas trabalham na realização de diversas tarefas domésticas, assim como as que trabalham sob um contrato mensal, no entanto realizam o trabalho em algumas horas de um único dia da semana ou quinzenalmente, para a família que contrata seu serviço. Perante esse quadro, buscamos analisar nesta pesquisa as novas configurações do trabalho doméstico remunerado por meio do trabalho das diaristas, suas percepções, contextos e os afetos construídos nestas relações mais “dinâmicas” de tempo e convívio com os empregadores.

Portanto, temos por objetivo neste artigo trazer algumas bases teóricas que nos auxiliaram no processo analítico do campo, enfatizando a sociologia das emoções por meio das obras de Arlie Hochschild (2008) e Nancy Chodorow (2004). Além disso, trazemos também as percepções do campo de pesquisa em relação aos limites trabalhistas impostos por estas profissionais, assim como as possibilidades afetivas construídas através das barganhas monetárias e das relações humanas estabelecidas neste contexto de trabalho.

Caminhos Construídos Pelos Sentimentos

Nesta pesquisa, considerando sua entrada inicial no tema e no desenho do problema, nossa indagação visava compreender como eram construídas as relações afetivas em um contexto de trabalho que se estabelece em outras lógicas de tempo e de relacionamento, tanto com os empregadores e com a casa, quanto com o investimento socioafetivo e emocional exigido para quem o executa. No entanto, com o percorrer do trabalho de campo e perante as narrativas das diaristas, percebemos que estas trabalhadoras se encontravam em um contexto empregatício que lhes permitia escolhas e seleções afetivas, concretizando possibilidades de autonomia. Assim sendo, nos deparamos com um quadro de afetos, dependências, escolhas, seleções e agências, que se entrelaçavam e formavam novas subjetividades. Com o avanço do processo analítico fomos percebendo que estas profissionais levam em consideração os contextos, os espaços de execução do trabalho, as trajetórias e as percepções que elas constroem no, e para o exercício profissional. Essas relações configuram autonomia e seletividades afetivas, que são analisadas por nós como um produto dos diversos sentimentos e afetos encontrados e sofridos em suas trajetórias pessoais e trabalhistas.

Esses vínculos foram percebidos quando elas narraram suas inserções no trabalho doméstico remunerado ainda na infância, os abusos sexuais e trabalhistas, a violência doméstica, as intensas cargas de trabalho e o pouco salário. Todas essas experiências foram fundamentais para que as diaristas buscassem caminhos diferentes dos já vividos. Em um exercício quase dialético, elas conseguem manejar e elaborar seu universo trabalhista de uma maneira que as relações monetárias e afetivas se configuram por outras lógicas diferentes das já vividas.

Todas estas experiências por elas vivenciadas foram narradas e enfatizadas por suas emoções e sentimentos: a raiva, o medo, a desvalorização pessoal, as tarefas demasiadamente cansativas, as humilhações, as angústias, a solidão, a ilusão, as promessas não cumpridas de seus empregadores, entre outros elementos foram fundamentais para que estas mulheres pudessem traçar um caminho diferente em suas vidas. Essas experiências as afetaram significativamente e foram pontos de interpretações e reinterpretaciones acerca de sua realidade, estabelecendo novos vínculos trabalhistas que lhes possibilitaram vivenciar outras situações. Os imensuráveis sentimentos suscitados frente às diversas posições sociais nos quais já viveram não foram percebidos como alegorias de suas narrativas, e sim, como verdadeiros instrumentos de subjetivações que as fazem elaborar – conscientemente ou não – novas trajetórias em que possam sentir-se bem.

Nós ressaltamos estes conteúdos à luz de nossa perspectiva metodológica interpretativa que é informada pelo campo e pela revisão de literatura. As autoras Arlie Hochschild (2008) e Nancy Chodorow (2003) nos ajudam a perceber emoções, sentidos, axiologias e posições de sujeito.

De Hochschild (2008) recolhemos subsídios que nos propõem uma análise baseada nas obras de Goffman e Freud, sobre uma possível “elaboração das emoções”. Este conceito é descrito pela autora como o ato de tentar fazer uma mudança “qualitativa” em uma emoção ou em um sentimento, ou seja, elaborar uma emoção é o mesmo que “manuseá-la” frente às diversas circunstâncias vividas, ressaltando uma posição ativa do sujeito frente aos seus sentimentos. Essa elaboração das emoções é diferente de um “controle ou de uma manipulação”, o termo “elaboração” diz respeito ao ato de configurar o sentimento. Assim, ao analisar o trabalho das diaristas damos relevância as conjunturas teóricas propostas pela autora. Estas conjunturas se estabelecem entre a consciência do sentimento e a consciência da regra do sentimento, entre a regra do sentimento e a elaboração das emoções, entre as regras do sentimento e as estruturas sociais.

Nesse sentido, a “elaboração das emoções” se refere ao esforço do indivíduo de adequar-se emocionalmente nas diferentes posições sociais nas quais se pode interagir, considerando a direção da vontade e da consciência. Desde esta perspectiva busca-se compreender como as pessoas tentam sentir, levando-nos a observar conscientemente as emoções e os sentimentos que o indivíduo expõe em suas relações sociais. Assim, esse conceito privilegia a capacidade dos sujeitos de “elaborar” seus sentimentos de acordo com as regras sociais e, evidenciando o seu poder de agente.

De Nancy Chodorow (2003) retomamos o argumento sobre uma existência irreduzível da vida psicológica. Para a autora nós criamos significados inconscientes e pessoais que são traduzidos nas experiências presentes. A autora dialoga claramente com a psicanálise clássica, pós-moderna, com os estudos feministas e com a antropologia que visa interpretar os significados culturais e sociais. A autora se debruça a compreender os laços entre a Psicanálise e a Antropologia Cultural. Ela defende a idéia da necessidade de unir essas duas vertentes para compreender melhor como os afetos e as emoções contribuem para construir as imagens e histórias internas e modelar a vida social. A autora discute com três autores que, em sua visão, representam os

melhores exemplos para uma discussão mais ampla entre as Ciências Humanas: Clifford Geertz, Michelle Rosaldo e Catherine Lutz. Chodorow (2003) destaca que esses autores analisam a cultura por um viés que evidencia a construção de emoções na constituição dos sujeitos. Assim, ela une essas abordagens antropológicas com as noções psicanalistas dos desejos e sentimentos inconscientes, focando uma fusão inseparável dessas duas perspectivas: de significados individuais e culturais (ADELMAN, 2004).

En primer término, al sostener que la significación tal como la experimentamos siempre procede tanto desde el exterior como desde el interior, elaboro una teoría de la significación. La significación es una inextricable mezcla de, por un lado, lo sociocultural e históricamente contextualizado y, por el otro, lo personalmente psicodinámico y lo psicobiográficamente contextualizado. Sostengo además, basándome en enfoques psicoanalíticos particulares y recurriendo al encuentro clínico en general, que la significación, tal como la experimentamos, es decir, como la superposición y combinación de lo individualmente idiosincrásico y lo cultural, se sitúa y emerge en encuentros y en momentos psíquicos particulares para el individuo. Algunas construcciones de la significación pueden tener más probabilidades de darse que otras, pero ni el pasado intrapsíquico ni el pasado interpersonal, por el lado, como tampoco lo dado culturalmente, por el otro, determina plenamente la significación ni la experiencia en la inmediatez del presente (CHODOROW, 2003, p. 14).

A autora defende ao longo de sua obra que as significações culturais são importantes, não somente em um plano pessoal. Assim, compreende que o “si mesmo” e as emoções, por mais que estejam designados culturalmente, remodelam-se introspectivamente por meio do inconsciente que se desenvolve desde o nascimento perdurando por toda uma vida. As emoções podem ser reconhecidas e conhecidas culturalmente, mas também são experimentadas de forma direta e individual a partir das relações sociais, o que leva a criar percepções de “si mesmo” e do mundo. Dessa forma, Chodorow (2003) consegue traçar através das etnografias e da psicanálise o argumento que a produção cultural e discursiva não esgota a produção da subjetividade, mas faz com que cada singularidade e cada particularidade sejam vividas por cada indivíduo, possibilitando a construção de agência.

Por essas abordagens também pensamos o conceito de “agenciamento”, em que os sujeitos estão em uma posição ativa frente às regras sociais e as suas próprias emoções, construindo estratégias, seleções e escolhas que lhes possibilite novos caminhos e oportunidades. Todavia, este processo de agenciamento construído pelas diaristas está alocado em relações de poder, assim sendo são produzidos e concretizados por meio das diversas desigualdades nas quais vivenciaram e vivem em suas trajetórias.

De acordo com Foucault (1990), o poder não está situado apenas nas estruturas jurídicas e estatais, mas em todas as minudências das relações humanas e conseqüentemente difundido nas estruturas sociais. O exercício do poder pode ser observado como estrutura de estratégias justificadas para alimentar possíveis ações, induzir ou facilitar determinados atos. Dessa perspectiva, apesar de ser uma forma de atuar sobre um sujeito, significa também, que os sujeitos são atuantes nele, por sua capacidade de atuação e de instituição deste poder.

Assim, no espaço do trabalho doméstico remunerado põe-se de manifesto um conflito de práticas, um emaranhado de estratégias, relações de poder, dispositivos, discursos que não são só arbitrários, mas vontades de ser agente. Estas relações de trabalho para essas mulheres são igualmente atravessadas pela utilização de procedimentos, práticas e tecnologias. (FOUCAULT, 1990).

São estratégias, manobras e técnicas estabelecidas nos menores espaços da vida individual e social, fundamentando assim um sujeito que opera, que se coloca e que cria possíveis táticas em suas vidas cotidianas. Dessa forma, as resistências ou “processos de agenciamentos” são relacionais, assim como os mecanismos de poder. (FONSECA, 1995).

Assim, nos baseamos nessas abordagens e teorias para compreender as narrativas e trajetórias das diaristas de Curitiba, pois acreditamos que estas mulheres se inserem nesse processo trabalhista porque elaboraram e adquiriram novas trajetórias através de suas edificações sentimentais e psicológicas. Todo o processo individual foi concebido pelas experiências emocionais que sofreram em suas vidas, pelos contextos que se vincularam, formando interpretações sobre sua realidade social. Assim trazem consigo os sentimentos produzidos pela desigualdade social, pela violência e por seu trabalho, ou seja, sentimentos construídos pelas interações sociais e culturais que estão saturadas pelos micropoderes, perdurando significadamente em suas trajetórias. Dessa forma, esses sentimentos e afetos são ressignificados e elaborados por elas mesmas, em um exercício profundo, que lhes dá aparatos e possibilidades de mudar sua vida e seus esgotamentos emocionais. O trabalho realizado em diárias é o resultado, bem sucedido, encontrado por elas para concretizar um bom contexto de trabalho e de satisfação pessoal.

Relações de Trabalho Pautadas pelo Afeto

Dentro dessa chave, analisamos que as escolhas e as seletividades das diaristas estão imbricadas em sua capacidade de agenciamento, ou seja, à medida que são afetadas pelas condições e relações sociais em que estão inseridas, suas interpretações perante as diversas posições encontradas em suas relações são modificadas, influenciando suas escolhas e sua percepção de si.

Perante as narrativas das diaristas percebemos que as experiências sofridas ao longo de suas vidas influenciavam suas escolhas profissionais. A maior parte dessas trabalhadoras já havia se empregado em outros segmentos trabalhistas, como garçõete, operadora de máquinas, vendedoras em lojas e de trabalhadoras domésticas remuneradas com um contrato mensal. Todos esses trabalhos lhes proporcionavam a assinatura na carteira de trabalho e as contribuições previdenciárias pagas, benefícios que não são encontrados na execução do trabalho de diaristas, pois este se caracteriza como autônomo pela justiça do trabalho do Brasil. Quando lhes era indagado quais eram os motivos pelos quais estavam trabalhando de diaristas as respostas eram categóricas: por causa do dinheiro. As diaristas entrevistadas ganham, em média, R\$

1.200,00⁴ por mês, com estes outros trabalhos ganhavam, no máximo, R\$ 800,00⁵. Sem dúvida alguma, o rendimento mensal contava muito para estas mulheres, mas percebemos que ao longo de suas falas outros motivos estavam agregados às suas escolhas.

Juntamente com uma renda mensal maior, na qual elas podiam garantir consumos e benefícios em suas vidas pessoais⁶, outros ganhos eram percebidos pela forma como o trabalho realizado em diárias é concretizado, como por exemplo, a autonomia sobre seu trabalho e seu tempo. Estas trabalhadoras evidenciavam que por meio do trabalho em diárias conseguiam impor limites das tarefas a serem realizadas em uma determinada residência, das ordens que lhes eram impostas, do tempo que levavam para chegar ao trabalho, do tempo que tinham para ficar com os filhos, da boa comunicação que mantinham com seus empregadores.

Estes limites eram concretizados por meio dos diversos “nãos” narrados enfaticamente nas entrevistas. Se a casa era grande demais ou se era bagunçada demais, elas passavam a não mais realizar o seu trabalho para aqueles empregadores. Se elas consideravam que um de seus empregadores não as tratava bem ou não souberam dar a ordem de um jeito o qual consideravam correto, deixavam de fazer diárias naquela casa. Se o trajeto a ser realizado até lá se tornava demasiadamente cansativo, passavam a não ir mais.

Portanto, fomos percebendo durante a pesquisa um processo de escolhas e seleções concretizadas por estas trabalhadoras. Estas escolhas e seleções se referem às ações que as diaristas consolidam em seu cotidiano, estabelecendo pesos e medidas em relação aos benefícios encontrados no trabalho doméstico remunerado em relação a outras categorias profissionais, priorizando as relações com os filhos, com seu lado espiritual, com o lazer e, principalmente, consigo mesmas. Pois estas mulheres não se submetem mais a todo e qualquer tipo de ordens de seus empregadores, não realizam as tarefas que consideram abusivas e nem permanecem em um determinado emprego quando se sentem completamente desvalorizadas. Nesse sentido, as escolhas e seleções são pautadas em seu bem estar, concretizando um novo caminho em suas trajetórias que não se apresenta mais pelas características que vivenciaram em seu passado. Como podemos perceber na narrativa de Bernadete:

Thays: ah, você já trabalhou em uma empresa.

Bernadete: aham. Eu era operadora de máquina. Daí passei pra encarregada, daí fui, tudo, trabalhei 9 anos numa empresa. Assim, depois saí dali, fui pra uma outra e trabalhei mais 6 anos. Daí saí daquela e fui pra uma outra. Trabalhei mais 2 anos. Daí começou me saturar.

Thays: Por quê?

Bernadete: Por causa da pressão, daí você vai mudando assim e acho que a medida que o tempo vai passando as pessoas também vão mudando. Assim, o jeito das pessoas, o ambiente foi ficando ruim demais e eu só sei

⁴ Este valor gira em torno de \$550,00 dólares.

⁵ Cerca de \$360,00 dólares.

⁶ Na pesquisa de campo realizada na casa destas trabalhadoras, foi comumente encontrado diversos aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos novos e com a mais alta tecnologia. Estas aquisições eram concretizadas tanto pelo contexto econômico brasileiro que facilita a compra por crediário, quanto pela inserção destas trabalhadoras em um mundo de consumo advindo pela renda mensal maior.

que fiquei com stress. Eu não aguentava nem entrar dentro de um ônibus. Eu lembrava que tinha assim que trabalhar já me dava uma coisa ruim. Começava a passar mal. Ah não quero mais isso pra mim não.

[...]

Bernadete: Daí eu optei por trabalhar de diarista

Thays: Trabalhar de diarista

Bernadete: Que daí eu não vou todos os dias, entende? E eu to mais feliz (risos). É tranquilo, muito bom, entende? As pessoas...eu lembro que eu ia trabalha e eu chegava assim, morta. E pense que o meu serviço não era pesado, o que eu fazia, mas eu chegava esgotada, que não queria nada disso, as vezes chegava do serviço, tirava o calçado, jogava a bolsa na cama e ia deitar. Hoje não, hoje eu trabalho de diarista e chego aqui em casa e ainda tenho pique para muito mais, entende? Para fazer outras coisas, para inventar alguma coisa na minha casa, fazer uma comida diferente, ou limpar alguma coisa, entende? Tem mais disposição, mesmo sendo um trabalho mais pesado, eu não sinto aquele cansaço que eu sentia, porque eu acho que é mais esgotamento mental né, psicológico, tudo. Então eu não tenho isso.

Frente a estas situações, essas mulheres não ficaram paralisadas, mesmo se ainda inseridas em relações trabalhistas marcadas pelas diversas desigualdades, conseguiram sair desse contexto de opressão e estabelecer novos caminhos pautados nos sentimentos que querem sentir, ou seja, os diversos “nãos” impostos por elas estão associados às escolhas que lhes fazem se sentir bem, não mais se submetendo a episódios que lhes causam um esgotamento emocional.

Portanto, a elaboração sentimental realizada pelas diaristas se forma devido às diversas experiências que passaram em suas trajetórias. Os parâmetros estabelecidos para dizer “não” estão vinculados com todos os desgastes em relação aos abusos, desvalorizações e humilhações que já sofreram em suas vidas. Não se subjugando ou se submetendo a relações de trabalho em que se sintam exploradas, mal remuneradas e inferiorizadas. Portanto, as escolhas e seleções são feitas de acordo com situações nas quais querem permanecer, enfatizando o seu bem estar e sua autonomia em relação a estes trabalhos.

Perante estas narrativas, compreendemos que estas trabalhadoras estabeleceram vínculos de trabalho que lhes dão maior autonomia frente a suas próprias vidas e em relação aos relacionamentos com seus empregadores. Ao nos depararmos com toda essa “racionalidade sentimental” que elaboram em seu cotidiano, seria inegável pensar que os afetos construídos nessas relações trabalhistas se acabariam ou se tornariam menos intensos. Todavia, foi possível perceber que os afetos também estão agregados a estas escolhas e seleções, pois, se de um lado elas dizem “não” a determinadas situações, há outras das quais elas dizem “sim”. Os relacionamentos trabalhistas selecionados pelas diaristas são embasados em diversas formas de afetos, valores e benefícios.

Os afetos não são mantidos pelos cuidados e contatos cotidianos, mas nos são expostos quando articulavam o bom relacionamento com seus empregadores, quando se sentiam respeitadas e valorizadas dentro daquele espaço doméstico, nas conversas e cafés servidos à elas, em um pagamento que consideravam justo pelo seu dia de trabalho, quando podem limpar uma casa sem as ordens estabelecidas ou sem regras

extremamente rígidas, e mesmo quando essas mulheres não se encontravam com seus empregadores, elas mantinham um imaginário afetivo através dos móveis, fotografias e eletrodomésticos das casas em que trabalham.

Arlie Hochschild (2008) nos mostra como há trocas monetárias envolvidas nas diversas relações sociais. O seu conceito de “economia da gratidão” é fundamentado pela ideia de que as pessoas avaliam, conscientemente ou não, as coisas que ganham e recebem quando estão inseridas nas relações íntimas. Ela percebe que usualmente as pessoas utilizam-se dos recursos materiais como dádivas e declarações de gratidão em relacionamentos puramente afetivos. Nestes intercâmbios de afetos, dinheiro, tempo e atitudes há sempre complexidades, pois quando se fala em trocas simbólicas as equivalências nunca são verdadeiramente iguais (ADELMAN, 2011).

De acordo com este conceito de economia da gratidão formulado por Hochschild (2008) compreendemos que há outros símbolos inseridos nas relações entre diaristas e seus empregadores, que as fazem escolher e selecionar alguns trabalhos. Muitas vezes estas escolhas contradizem o que dissemos anteriormente sobre os “nãos” impostos aos abusos trabalhistas. Mas, na verdade, algumas relações abusivas não são consideradas com os mesmos pesos quando estão em uma casa na qual estabelecem um convívio harmonioso, em que podem contar com ajudas e compreensões. Em troca destes “benefícios”, realizam tarefas e serviços que não aceitariam em outro contexto empregatício.

Nicéia: esses meninos mesmo que eu ia na Dona Eva, os filhos da Dona Eva, eles bebiam demais sabe, aí imagina o que acontece né, passavam mal...

Thays: aaaaiii, você tinha que limpar banheiro de gente que passou mal?

Nicéia: nossa bem, neles não davam, tinha já que ir catando a luvinha e ir embora...porque...e estômago né.

Thays: e estômago.

Nicéia: pra ver aquilo, daí as vezes eu mostrava assim né, daí ela ia lá e ajeitava antes d' eu ir lá sabe, os menino era complicado mesmo. Aí, não sei como podia beber aqueles menino, bebia demais mesmo, bebe né! Daí acho que não tem como não passar mal né. (risadas).

Thays: é, bebendo bastante. E mesmo assim você gostava de ir lá, você gostava da Dona Eva.

Nicéia: uhum. Ah, por causa dela.

Thays: você gostava dela porque ela...

Nicéia: ah, os meninos também né. E teve uma época aqui também, e ela era muito prestativa aqui também.

Thays: hum.

Nicéia: que ano passado, ééé, roubaram, acho que, mil e quinhentos da conta do meu marido sabe. Tipo era todo o pagamento dele do mês, daí eles pegaram e clonaram o cartão dele e daí, tipo, ela que começou a correr atrás pra mim. Daí ela chegou pra mim e disse: meu deus do céu! Você vai lá, você pega, vai no PROCON⁷, faz isso, faz aquilo, foi ela que me orientava sabe.

Thays: foi ela quem te ajudou.

Nicéia: uhum. Daí um dos menino lá, ele ta fazendo Direito né, daí ele me orientou tudo o que eu tinha que fazer, como é que eu tinha que falar com o gerente tudo certinho né, porque ele também não tinha tempo, não tinha como ele...daí eu que corria atrás pra ele né, daí a audiência, tudo, daí eu

⁷ Órgão do Estado brasileiro que garante a proteção e as garantias de direitos dos consumidores.

faltei na audiência, daí ela compreendeu sabe, daí ela nem descontou o dia também, o dia que eu fui na audiência. São essas coisas assim. Daí quando veio assim, quando ele conseguiu tirar o extrato de onde eles tinham gastado, os menino que foram lá pra mim e viram na internet tudo, tudo os lugares onde eles foram, aí eu achei assim bem legais...

Portanto, nessa economia de gratidão estão agregados outros símbolos para além do dinheiro, símbolos estes que são as bases de um bom relacionamento para elas, o que garante permanecerem trabalhando nestas casas, ou não. Apesar de ter que lavar um banheiro todo imundo, Nicéia não vê isso com a mesma rigidez como se estivesse trabalhando em uma casa em que seus empregadores não a tratavam bem, não a ajudassem e que não compreendessem suas necessidades.

Estas escolhas e seleção são pautadas nas experiências que estas trabalhadoras passaram, sendo constituídas de uma maneira individual. Em todos os processos observados pude perceber este aspecto. Não há na jurisprudência brasileira e nem nas organizações estatais, paramentos que possibilitem melhorias para essas trabalhadoras, sendo concretizadas, apenas, nos planos individuais.

Assim, trazemos neste artigo sucintamente os processos, práticas e lógicas que fazem as diaristas permanecerem neste segmento profissional, e estabelecerem, cada vez mais limites e características que lhes possibilitam uma trajetória de trabalho na qual se sintam valorizadas. Estas relações acabam sendo mascaradas, pois são pautadas em um sentido humano, e não igualitário. Mais uma vez nos deparamos com mulheres, que individualmente, driblam as desigualdades por meio de suas próprias lógicas.

Referências

- ADELMAN, Miriam. (2004). Para além do Discurso: o poder da afetividade. In.: **Cadernos Pagu**. Campinas, n.23, p.389-397.
- ADELMAN, Miriam. (2011). Por amor ou por dinheiro? Emoções, Discursos, Mercados. In: **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, n. 2, p. 117-138.
- CHODOROW, Nancy J. (2003). **El Poder de los Sentimientos**: la significación personal en el psicoanálisis, el género y la cultura. Buenos Aires: Paidós.
- FONSECA, Márcio A. (1995). **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC.
- FOUCAULT, M. (1990). **Tecnologias Del Yo**. Barcelona: Paidós.
- HOCHSCHILD, Arlie Russel. (2008). **La Mercantilización de la Vida Íntima** : apuntes de la casa y el trabajo. Buenos Aires : Katz Editores.

Submetido em dezembro de 2014

Aceito em março de 2015